E

NÃO FOI PARA SEMPRE

(A MINHA VERSÃO DA HISTÓRIA)



AUTORA: EVANDE MARIA MENDES DA SILVA



NÃO FOI PARA SEMPRE
(A MINHA VERSÃO DA HISTÓRIA)

Uma história de amor que não acaba quando termina, se transforma, a história de um amor que já foi contada, agora contada a partir do ponto de vista da personagem principal, ela, conta a história real de sua vida, que não é um conto de fadas como os que estamos habituados em ler em estorinhas infantis, e nos grandes romances, é uma história de superação e conquistas adquiridas, na vivencia diária .

Como dizem os sábios vivendo intensamente um dia por vez, e se reinventando a cada dia, E não foi para sempre, é a minha versão de uma história de amor que tem dois lados, eu conto a versão de Ellem, como já disse a personagem principal.
Uma história, que para ter um final feliz, teve que terminar de forma diferente, das estórias, da Cinderela, Branca de Neve, a Bela e a Fera, a Bela Adormecida, Rapunzel etc.

Mas os aprendizados e ensinamentos dessa história, vão bem mais além, do que, os que essas estorinhas infantis, deixam de referência para nós.

Se o casamento exige amor e o amor não exige casamento; a separação sem dúvida seja ela de qual forma for, causa sofrimento, e a personagem, teve que vencer medos, limitações, privações, depressão, para libertar-se e se auto afirmar, para reerguer-se e seguir em frente. Boa leitura

DEDICATÓRIA

Dedico esse livro ao meu Deus que nunca me abandona, que sempre me fortalece, nos momentos difíceis, agradeço a Ele por me levantar, sempre que vem o abatimento.

Dedico também a minha família, que está sempre presente em todos meus momentos, aos meus quatro filhos, que são meus melhores amigos e companheiros de vida, aos meus professores, do primário, desde o primeiro ano a quarta série, Matilde, Nô, Amália, e a diretora Juracy da época que estudei na a Escola Estadual Febrônio Paulino Cordeiro, da minha cidade natal, o distrito de Simão Campos, que me ensinaram o amor pela leitura e a literatura, e aos meus amigos.

Dedico a você que agora está lendo, o que escrevi com muita verdade, amor, e carinho, a todos que acreditam que amar vale apena, e que vivenciar o amor rende belas e construtivas histórias, que vão além do carnal e transcende as convenções, e que só o verdadeiro amor liberta, suporta e se transforma em outra forma de amar, sem mágoas guardar.

- Obrigada-

E
NÃO FOI PARA SEMPRE
(A MINHA VERSÃO DA HISTÓRIA)

O INÍCIO

Eu tinha quatorze anos quando conheci um homem que tinha uma aparência bonita, mas, eu não gostei dele, eu o achava, chato, aparecido, retornei a minha cidade natal, orava a Deus que nunca deixasse eu me envolver com um homem daquele tipo, um Don Juan tupiniquim .

Engraçado, é que o destino faz cada coisa com a gente, nesse mesmo ano meses depois, meus pais resolveram se mudar com toda família, para cidade do tal Don Juan, eu, três anos depois aos meus dezessete anos voltei a mim encontrar com o homem que me incomodava com seus hábitos .

Eu, fui passar uns dias na casa de uma amiga que precisava de minha ajuda, ela estava adoentada e sem ninguém para ajudá-la nas tarefas domésticas, sempre que eu terminava, as tarefas eu ia para o portão, observar o movimentação das pessoas no ir e vir das ruas.

A sombra na frente da casa, do outro lado da rua, veja quem meus olhos enxergaram, aquele homem chato, que lendo um livro me olhava sorrindo, eu claro, irritada saí do portão fui para dentro da casa com muita raiva.

Quem aquele homem pensava que era para ficar com ousadia comigo, mas, eu não mudaria minha rotina por

causa dele, todos os dias ia contemplar a rua e as pessoas que por ela passava.

Ele como sempre continuou, indo ler seu livro no passeio da frente e cinicamente tentar puxar conversa comigo, como aquilo me chateava, eu uma menina de dezessete anos, sendo cortejada por um homem mais velho, recém separado, e aparecido, era o fim.

Nossa, como eu o achava chato, mas com persistência, ele conseguiu me mostrar que ele, não era ruim quanto eu pensava, começou contar estórias engraçadas, ler lindas poesias, parecia até que ele sabia que eu era apaixonada por poesia, e foi pela afinidade com a poesia que nos tornamos amigos.

Ele lia todo dia uma poesia para mim, falava de grandes escritores, e fui me sensibilizando com seu jeito, outra coisa que chamara a atenção a ele foi o carinho e a dedicação em que ele expressava o seu amor de pai por sua filhinha, dizia que com a separação se tornou triste por estar longe dela.

Os dias foram se passando, e mais amigos nos tornávamos, até que um dia ele chegou com uma linda rosa vermelha nas mãos com um cartão que dizia: “Quero ser na sua vida não o fim de um começo, quero ser na sua vida um começo de um amor sem fim”.

Confesso que fiquei tocada, mas preferi levar pro lado da amizade, até por que era loucura uma menina inexperiente, começar um namoro com um homem separado, e que

anteriormente eu tinha por ele uma espécime de aversão, mas, ele atiçava a minha curiosidade .

A cada vez que eu lia o cartão que ele me dera com a rosa, começava despertar em mim, um sentimento de carinho por ele, mas, com certeza minha família faria restrições e não permitiria nenhum envolvimento meu com o dito cujo.

Mas, para piorar, ele era amigo de dois cunhados meus, e muito persistente Carlos José, é esse é o nome dele, fazia questão de estar presente nas comemorações que minha família fazia, e sempre falava brincando que iria se casar comigo.

Numa dessas comemorações, eu estava sentada num banquinho na sala com minhas amigas e irmãs, quando Carlos José se aproximou, eu estava com rosto virado pro lado contrário ao dele, quando ele me chamou ao me virar ele me deu um beijo na boca.

Meu susto foi tão grande que bati forte com a cabeça na parede, fiquei muito chateada e envergonhada, me tranquei no quarto por alguns minutos, com esse gesto ele me fez sentir raiva, por ter me exposto na frente de minha família e amigos.

Mas, ao mesmo tempo, me sentia querida, desejada, nascia uma contradição dentro de mim, uma briga comigo mesma, quem seria mais forte, eu? Ou meus recentes sentimentos?
Mal sabia eu, que meus sentimentos, venceriam minha queda de braço com minha razão. Aos poucos fui começando

a me encantar, com o sorriso dele, com sua maneira intensa de falar do amor, por sua avidez em viver isso.

Ah, me desculpem, esqueci, de me apresentar, meu nome é Ellem Maria, engraçado isso, coincidência ou não uma Maria com um José, fazendo alusão a história da mãe de Jesus Cristo, e seu pai adotivo José, a um relacionamento de companheirismo e amor, até que a morte os separou.

Conscientemente, ou não, é o que todos nós queremos um amor que dure, até que a morte separe ou pela eternidade. Essa minha história de amor teve início de fato, em abril de 1993.

Foi quando ele de fato foi na casa dos meus pais, pedir a minha mão em namoro, de início eles ficaram com um pé atrás em relação a Carlos José, por ele já ter sido casado, e não ter dado certo.

Meus pais tinham medo, que a história se repetisse comigo, mas, com a persistência dele, eles permitiram o nosso namoro, a cada dia que passava, eu me sentia e estava mais ligada a ele.

Eu, que dizia que nunca me casaria, sonhava até com a maneira que, iria decorar minha casa, com quantos filhos teríamos, sempre que ia me visitar ele me levava uma poesia.

Quando não dava pra me ver, pedia para meu cunhado me entregar mimos, junto as poesias, doces, bombons, frases

lindas de amor, me chamava de sua musa, falava que eu era a inspiração iluminadora para vida dele.

Como não me apaixonar, se eu era tão romântica, como a Julieta era com seu Romeu? Nossa, eu tinha certeza que meu casamento seria muito feliz, quando ele chegou com as alianças, eu aceitei noivar sem medo. Dezessete anos de idade, mas, parecia que eu tinha uma maturidade de uma mulher mais velha, a convicção que eu tinha de que estava fazendo a coisa certa em está me casando tão jovem, era surpreendente., amar me fazia um bem indescritível.

Nada, ninguém conseguia, me fazer mudar de ideia, a falta que eu sentia dele quando estava viajando, parecia que estávamos juntos há muitos anos.

Quando me falavam das dificuldades que eu enfrentaria, por ele trabalhar viajando, por já ter uma filha do primeiro casamento, eu dizia de boca cheia, "isso eu tiro de letra, pode ter certeza".

O dia em que ele me levou para conhecer a mãe dele, foi um misto de ansiedade, alegria e por fim constrangimento, deu pra perceber claramente que ela era contra o nosso casamento.

Eu queria fugir de lá, ela tentava ser agradável, mas, o semblante dela, demonstrava outra coisa, primeira vez que estava almoçando na casa da futura sogra, estava com vergonha de comer, sabe o que ela fez? Encheu o meu prato, como o prato de um peão de obra.

Verdade, a comida caía quando comecei a comer, a minha vergonha foi tanta que perdi a fome, o que eu mais queria era que aquele almoço terminasse logo para eu voltar para minha casa, desabafar com Carlos e minha família, o mal estar que senti.

Nesse dia comecei a pensar se queria e se teria forças para enfrentar uma rival, como a dona Laura a mãe do Carlos, ela não me conhecia direito, mas, parecia não gostar de mim, é, assim de graça pelo simples fato de ser noiva do filho dela.

O pouco que tínhamos conversado durante o fatídico almoço, fez questão de falar de todas as ex-namoradas do filho. Falou também que toda família de uma sobrinha rica dela fazia gosto que ele se casasse com a tal Kátia que era mais velha, e mais rica que eu.

É, então comecei a entender o que os meus familiares queriam dizer, porém, eu sabia que queria viver esse amor, eu achava que ninguém, tinha o direito de me podar, de me impedir de vivenciar aquela experiência que pra mim era inovadora.

Eu pensava: “Meu Deus, por que as pessoas tem que se intrometerem tanto, a ponto de dar palpites e querer interferir na vida amorosa de duas pessoas que se gostam tanto? Será que todos estão certos e nós dois errados”?

Os dias foram passando, e os pensamentos ruins, foram embora, ele a cada gesto demonstrava que queria estar comigo, que eu era a mulher da vida dele, que juntos eu ele,

nossos futuros filhos e a filhinha dele, formaríamos uma família feliz.

Num final de semana, ele levou Ana Clara para passar o domingo inteirinho comigo, para que nos conhecêssemos melhor, eu gostei da menina de cara, ela também me correspondeu com muito carinho, sete aninhos era a idade dela na época.

Em nenhum momento, me senti madrasta dela, senti carinho e amizade, sem hipocrisia, eu a via e sentia como a filha do meu amado, importante para ele, e pra mim também, pois seríamos parte de uma nova família que estava se formando.

Na minha ingenuidade, eu tinha certeza que tiraria de letra, as surpresas que o casamento me traria. Quando se acredita cegamente em algo, pode o mundo te falar as verdades mais profundas e claras que você não acredita nelas, e sim na sua própria.

Uma coisa me intrigava, por que as pessoas não deixam a vida dos outros seguir seu curso normal, talvez se não tivesse tantos mandando energias negativas, tudo se resolveria da melhor forma para cada indivíduo.

Carlos, por sua vez me tratava como uma princesa, nas nossas conversas em relação ao comportamento de sua mãe, as reações dela sobre o nosso casamento, ele me dizia que nem a mãe dele, nem ninguém nos separaria, que se necessário ele cortaria relacionamento com ela.

O que eu não queria, era que mãe e filho se afastassem por minha causa, eu dizia a ele que com o tempo e ela me conhecendo melhor, tudo melhoraria, até por que, mais que sua vontade de mãe, ela torceria pela felicidade do filho, era assim que eu pensava.

Ele falava aos meus pais: "senhor Caetano e a dona Aracélia eu vou fazer da filha de vocês a mulher mais feliz desse mundo", lógico eu me derretia toda, tudo estava perfeito, acho que nem as princesas dos contos de fadas se sentiam tão felizes como eu sentia.

Além de falar doces palavras, me escrevia poemas que me tocavam a alma, como duvidar de tamanha sensibilidade? ele não tinha vergonha de se expressar, dizia o que sentia sem ter medo de estar sendo ridículo.

Estávamos certos de que no final do ano nos casaríamos, então já nos preparávamos para isso, ele por causa dos constantes conselhos da mãe para desistir do casamento, alugou um apartamento e foi morar sozinho, depois de casados, continuaríamos morando lá.

Em 1989 quando eu e minha família nos mudamos do pequeno povoado de Simão Campos, para a cidade de Montes Claros, me lembro que meus propósitos, eram estudar e trabalhar, casamento nem se quer imaginava, as vezes dizia que queria ser freira.

Eu falava isso, por que via que o casamento de minha irmã mais velha, Cândida, enfrentava algumas dificuldades e eu não queria aquilo para minha vida, pra mim, todos os

relacionamentos tinham que ser a base do amor, carinho e muito respeito.

Por isso, quando Carlos fez as primeiras tentativas para me namorar, eu estava reticente, era por medo de problemas futuros, quando o conheci melhor, perdi o medo e me entreguei de alma ao nosso relacionamento, por que meu corpinho ele só teria depois que nos casássemos.

Eu sou a sexta filha de nove filhos que meus pais tem, e a quinta filha de oito mulheres, o único homem é o mais velho de todos, meus pais e a casa das oito mulheres, quanta TPM, imaginem como era tantas mulheres juntas.

O meu relacionamento com minhas irmãs, sempre foi de muita cumplicidade, dividíamos as coisas umas com as outras sem nenhuma briga, e se alguém mexia com uma, mexia com todas, nos defendíamos, nosso irmão foi embora muito cedo ele tinha dezesseis anos, perdemos o contato com ele desde então, como não tínhamos ele pra nos defender, nos defendíamos mutuamente.

Nesse mesmo ano de 1993, uma de minhas irmãs, mais velha que eu dois anos iria se casar. Dinorá e Emanuel estavam de casamento marcado para o mês de junho, a família estava eufórica nos preparativos da cerimônia e da festa, Emanuel gostava tanto de farra, com certeza a festa seria inesquecível para ele e pra todos nós.

O tempo passa e chega 23 de junho de 93, eles se casaram na igrejinha de Santa Rita de Cássia, no bairro que leva o mesmo nome, e lá estava todo família reunida, minha irmã

estava linda vestida de noiva, parecia uma princesa, meu cunhado no altar esperando-a com um brilho intenso no olhar, e eu pensava, "logo, logo serei eu que adentrarei na igreja ouvindo a marcha nupcial", eu podia imaginar a emoção, que minha irmã estava sentindo naquele momento.

A cerimônia foi muito linda e parece ter mexido muito com Carlos, ele me pediu em casamento logo depois, me disse que queria ter certeza que me casaria com ele, ainda no ano de 93, claro eu disse sim, coincidência ou não eu peguei o buque quando minha Irmã o jogou.

Tudo conspirava para que nós estivéssemos juntos, e vivêssemos a nossa história de amor do jeito que eu sempre sonhara, se até o destino conspirava ao nosso favor, por que eu teria que ter medo? Como diz o ditado quem não arrisca não petisca, eu queria petiscar muito.

O meu problema foi que cresci lendo contos de fadas, vendo nas novelas e filmes romances com finais felizes, emocionalmente, fui educada para ter, sentir um amor assim, para vida inteira.

Eu sempre fui romântica, apaixonada por literatura, poemas, poesias, músicas.

E embaladas entre uma música e outra, as coisas iam se resolvendo em tempo recorde, muitas vezes me peguei assustada com a velocidade em que tudo se desenrolava, parecia até que tinha magia envolvida em nossa história, além é claro da magia natural do amor.

O tempo foi passando encurtando a distância de minha vida de adolescente solteira para casada, ele já estava morando no apartamento que moraríamos depois de casados, de vez em quando com a companhia da filhinha dele eu ia ajudá-lo a arrumar o apartamento.

Meus pais não permitiam que ficássemos a sós, confiavam em mim, mas, em Carlos... eles tinham medo dele querer usar sua experiência de vida comigo, e me induzir a me entregar de fato a ele.

Sou de família católica, para mim sexo só depois do casamento, eles não estavam de tudo errados, de fato, Carlos nas poucas vezes que ficávamos sozinhos havia tentado, digamos assim, fazer amor comigo, eu resistir bravamente.

Isso era importante pra mim eu queria que ele respeitasse, ele entendeu e não forçou a barra. Certo dia ao voltar do trabalho o meu pai resolveu ir conhecer o ''nosso'' apartamento, ao passar próximo ele viu que Carlos estava lá, chamou a campainha.

Carlos foi atender meio desajeitado, estava sem graça e se despedindo de uma mulher, meu pai não sabia, mas, depois Carlos o explicou que era sua ex-mulher que ela tinha ido até lá para pedir para que ele voltasse para ela, e que dissera a ela que isso não aconteceria.

Meu pai ficou cabreiro com aquela situação, foi chegando em casa e me contou o acontecido, me deu uns conselhos, me pediu que eu pensasse bem no que estava fazendo, indo me casar tão jovem e com um homem que não dera certo em seu

casamento anterior, e ainda uma ex-mulher que queria voltar, ele me disse: "Minha filha, sua vida não vai ser fácil," eu respondi: "Pai, não vem agourar meu casamento."

Com serenidade ele me disse; "não é agouro filha, quero que sejas muito feliz, eu só estou te dando um conselho, mas jamais te proibirei de viver sua vida, você é novinha inexperiente, precisa aprender mais da vida e das pessoas, eu vou está ao seu lado seja qual for sua decisão".

Ao anoitecer desse mesmo dia Carlos foi a minha casa me esclarecer tudo sobre a situação que meu pai tinha presenciado, lógico, eu o questionei de como ele tinha se sentido com o pedido de retorno de sua ex, ele me respondeu que mesmo ela usando a filha como atrativo para ele voltar, que a respondeu, que me amava, e que tinha se separado dela e não da filha, e que a filha faria parte de nossas vidas, sem restrições, e que era comigo que queria viver pro resto de sua vida.

Eu lógico, confiei, acreditei, e continuamos com os preparativos para o nosso enlace matrimonial, a cada objeto que eu organizava no meu enxoval, me sentia mais mulher, mais dona de casa, eu estava determinada, mudar de ideia eu nem cogitava, tantas demonstrações de afeto, de amor expressadas por ele a mim, eu as sentia como brisa leve que toca a pele, em mim, elas tocavam a alma.

Carlos ao mesmo tempo que mostrava uma força, deixava transparecer uma fragilidade que me dava uma vontade de cuidar, é, cuidar dele como se cuida de um bebezinho, isso

me dava muita alegria e prazer. A minha confiança nele era tão grande quanto o meu amor.

O tempo corre rápido, chega o dia do casamento civil, mês de outubro, como eu era menor, minha mãe precisava ir comigo para autorizar, engraçado é uma decisão pessoal se casar, mas precisa de no mínimo, duas testemunhas, será que o casamento tem testemunhas, por que está fadado a não dar certo?

Me lembro como se fosse hoje, eu estava com um vestido azul cumprido, um sapato azul com tirinhas em cima, era um lindo sapato italiano que uma amiga da família, trouxe da Itália e me presenteou, o salto era muito alto, por isso só o usava em ocasiões especiais. No caso aquele vinte de outubro de 1993, era um dia assim pra mim.

Eu já tinha escolhido o meu vestido, alugado em loja de noivas, a minha porta aliança e dama de honra seria Ana clara, filha de Carlos, faltando vinte dias para o casamento religioso, olha quem chega na porta de minha casa de carro, minha futura sogra com sua sobrinha, é, a tal que ela queria que Carlos se casasse com ela.

Quem atendeu o portão foi o meu pai e me chamou, elas nem se deram o trabalho de descer do carro, eu meio tímida fui ao encontro delas e educadamente as cumprimentei, eu entendi a sogra dizer a Kátia sua sobrinha “é isso aí que Carlos escolheu pra se casar”. Me senti ofendida, mas, não quis ser grosseira, a moça disse “é bonitinha, mas é muito novinha”, e disse pra mim: “Olha Ellem, vou dar a vocês de presente o álbum de fotos do casamento, pode escolher do

jeito que quiser". Tal vez ela tenha pensado que eu não aceitaria, se enganou, por que aceitei.

A noite quando Carlos foi me ver, eu disse o que tinha acontecido, falei "sua mãe veio aqui, e trouxe sua prima e pretendente, sua mãe me chamou de isso, ela não esconde que tem aversão por mim" .

Ele me disse "você deve ter entendido errado, minha mãe por mais que seja contra nosso casamento, não iria te tratar assim com tanto desdém", esse era um defeito dele, confiar cegamente na mãe, eu pensei ela deve ter alguma razão pra agir assim, eu não sabia qual. Ele, quando foi a casa da mãe a indagou sobre a ida dela em minha casa e de ter me chamado de isso. Ela o respondeu "fui mesmo na casa de sua noiva, mas, não a chamei de isso, eu disse essa aí é minha futura nora", ele acreditou.

Eu como sempre não quis debater mais, sobre o assunto, eu tinha que aprender a conviver com a dona Laura, bater de frente com ela seria burrice, entre eu e a mãe com certeza ele acreditaria nela. Comecei a pensar, "meu Deus, será que terei forças para uma relação difícil com minha sogra? Será que com o tempo ela irá me tratar de um jeito melhor? E com mais respeito"? Em oração a Deus eu esperava que sim, que com o tempo ela aprendesse a gostar de mim, assim teríamos um relacionamento amistoso e respeitoso.

Pra mim, pensar em desistir do casamento seria mostrar fraqueza, eu era determinada, pra alguns, teimosa, mas minhas convicções, eu não mudaria por medo, nem por fraqueza, muito menos por covardia, só uma decepção me

faria desistir, eu acreditava que Carlos jamais me decepcionaria.

Primeira decepção séria com Carlos

Quando faltava apenas quinze dias pra cerimônia religiosa, fui ao apartamento dar um faxina, clarinha filha de Carlos estava comigo, chegando lá tinha duas moças com Carlos, fiquei surpresa e confusa eram desconhecidas pra mim e para clarinha também, ele mais que depressa, foi logo explicando que elas eram suas colegas de trabalho, aliás que uma delas a Isaura, trabalhava no guichê da rodoviária de uma cidade nas vizinhanças de Montes Claros.

Dessa vez, eu não confiei, fiquei com o pé atrás, não fui grosseira continuei a organizar o apartamento, ele cheio de gentilezas as ofereceu uma cervejinha, lógico, elas aceitaram, ele estranhamente também me ofereceu cerveja, digo estranhamente, por que ele não gostava que eu consumisse bebidas alcoólicas, e estava me oferecendo cerveja?

Era pra estranhar e muito, estranhamento maior foi que eles ficaram bebendo na pequena varanda do apartamento, a moça mais velha amiga da tal Isaura, de minuto em minuto, ia a porta que ligava a varanda ao apartamento e ficava me encarando, em seguida olhava para varanda, fiquei intrigada e parei com a arrumação e fui ficar com eles.

Ele “amor as meninas querem ir beber no barzinho vamos”? Eu respondi “não quero beber vai se você quiser, quando voltar traz um refrigerante para mim e clarinha”, ele disse;

“tá bom então”, porém, eu não fiquei confortável com aquela situação e resolvi ir ao bar, chamei clarinha e fomos , ao nos aproximarmos do bar a tal amiga da Isaura estava distraída, não me viu chegar, ao adentrar a porta do bar, olhei pra dona que estava com olhar de perplexidade, olhando para direção contrária a minha, automaticamente também olhei, pra minha surpresa Carlos estava abraçado com tal Isaura aos beijos.

Me senti a pessoa mais idiota do mundo, nunca imaginava que ele poderia fazer uma coisa dessa comigo, ainda mais levar uma amante no apartamento que iríamos morar, o nosso lar sagrado ele tinha manchado com o pecado da traição, como se não bastasse ainda se arriscou beijando a amante, sabendo que eu podia aparecer a qualquer momento, ainda mais me expor daquele jeito diante de nossos futuros vizinhos, vi o olhar de pena de mim lançado pela dona do bar.

Foi demais pra mim, pedi a clarinha que ficasse com o pai, joguei as chaves do apartamento, aos pés dele, e saí em direção a rua que levava ao meu bairro, ele saiu em disparada ao meu encontro disse em alto e bom som que era a mim que ele amava, que a moça era só uma diversão, a filhinha dele chorou dizia que não queria ficar com ele, que não tinha gostado daquela moça, ela disse:

“Olha Ellem mesmo que ela me dê a sandalinha que ela disse que ia me dar, eu gosto é de você estou triste com meu pai”. Imagine só ela já estava tentando comprar a filha pra ganhar o pai. Eu respondi; “sei querida mas, você precisa ficar com seu pai”.